

ENTRE O TRAUMA E A DIPLOMACIA: O MEMORIAL DA GUERRA DA COREIA E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA GLOBAL

**Between Trauma and Diplomacy: The Korean War Memorial and the Making
of Global Memory**

Cecilia Bruno de Carvalho ^a

 <https://orcid.org/0009-0003-6413-6329>

E-mail: cbrcarvalho@gmail.com

^a Universidade Federal de Santa Catarina,
Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Coordenadoria Especial de Museologia,
Florianópolis, SC, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa o Memorial da Guerra da Coreia, destacando sua criação após a democratização do país em 1987 e seu papel na política de memória da Coreia do Sul, em conexão com outros países. São discutidas as dimensões epistêmicas, sociais e materiais dessa construção memorial. A análise se aprofunda ao investigar a influência do neoliberalismo na preservação e comercialização da memória, que transforma espaços de reflexão histórica, como o Memorial da Guerra da Coreia, em atrações turísticas. O artigo também aborda como a memória da Guerra da Coreia é tratada internacionalmente, explorando narrativas divergentes em países como os Estados Unidos e Coreia do Norte revelando suas implicações diplomáticas. Um aspecto central que merece maior destaque é a reflexão sobre como a guerra e sua monumentalização são percebidas em outros países envolvidos, especialmente no contexto da Guerra Fria. O artigo oferece uma crítica à interseção entre memória histórica, poder político e economia neoliberal, destacando o uso da história para fins comerciais e diplomáticos. Ao cruzar dados nacionais e internacionais com abordagens teóricas, contribui para uma compreensão mais ampla da construção, manipulação e consumo da memória coletiva em escala global.

PALAVRAS-CHAVE: História Global. Memória. Coreia do Sul.

ABSTRACT

This article analyzes the War Memorial of Korea, highlighting its creation following the country's democratization in 1987 and its role in South Korea's memory politics concerning other countries. The article discusses this memorial construction's epistemic, social, and material dimensions. The analysis deepens by examining the impact of neoliberalism on the preservation and commercialization of memory, which transforms historical reflection spaces, such as the War Memorial of Korea, into tourist attractions. The article also addresses how the memory of the Korean War is treated internationally, exploring divergent narratives in countries such as the United States and North Korea, revealing their diplomatic implications. A central aspect that deserves greater emphasis is the reflection on how the war and its monumentalization are perceived by other countries involved, especially in the context of the Cold War. The article critiques the intersection between historical memory, political power, and neoliberal economics, highlighting the use of history for commercial and diplomatic purposes. By crossing national and international data with theoretical approaches, it contributes to a broader understanding of the construction, manipulation, and consumption of collective memory on a global scale.

KEYWORDS: Global History. Memory. South Korea.

A preservação da memória de conflitos históricos como a Guerra da Coreia desempenha um papel estratégico na formação de identidades nacionais e internacionais, mas não pode ser dissociada das dinâmicas globais de poder e mercado, particularmente no contexto neoliberal. O Memorial da Guerra da Coreia, em Seul, exemplifica como memórias de guerra se tornam não apenas pontos de reflexão, mas também produtos moldados para audiências globais.

Enquanto Nora (1984) descreve os "lugares de memória" como locais onde a memória se cristaliza e se torna visível devido à ruptura com a memória viva, Assmann (2016) expande essa compreensão ao investigar os "espaços da recordação". Ela argumenta que esses espaços não apenas evocam memórias, mas também carregam um índice histórico e emocional que os vincula diretamente à passados específicos — ou, em alguns casos, dissocia esses vínculos, dependendo de como são articulados pela sociedade e pelo Estado. No Memorial da Guerra da Coreia, essa indexação ao passado é ao mesmo tempo clara e fluida, pois o espaço se apresenta tanto como um local de recordação nacional quanto como um ponto de interação global, onde múltiplas narrativas e experiências de guerra são consumidas e ressignificadas no contexto do turismo e da diplomacia internacional.

Nesse sentido, o memorial não pode ser analisado apenas como um espaço de preservação, mas também como um local de memória multidirecional, conceito elaborado por Michael Rothberg (2009). Para ele, a memória multidirecional não se limita a um único evento ou narrativa, mas emerge da interação entre múltiplas memórias que coexistem e se transformam mutuamente. No caso do Memorial da Guerra da Coreia, essa multidirecionalidade está presente na forma como o espaço combina memórias nacionais e internacionais, ao reunir elementos de memória sobre o conflito coreano, as alianças globais da Guerra Fria e o impacto da guerra no cenário geopolítico contemporâneo. Dessa forma, o memorial transcende o papel de monumento fixo, tornando-se um campo onde diferentes memórias e histórias são negociadas, refletindo tanto a memória coreana quanto às perspectivas globais sobre o conflito.

Henry Rousso (1991), por sua vez, oferece uma crítica importante ao apontar como a memória é frequentemente apropriada para servir a interesses políticos e econômicos, especialmente em contextos de mercados globais e neoliberalismo. Rousso alerta para o risco da politização e comercialização da memória, transformando eventos traumáticos em recursos simbólicos que são negociados para legitimar discursos oficiais e atrair o

consumo internacional. No caso do Memorial da Guerra da Coreia, essa transformação é evidente na forma como a memória da guerra é moldada não apenas para a preservação de um legado nacional, mas também para atender às demandas de um turismo global cada vez mais interessado em visitar espaços de guerra e memória.

Memorial da Guerra da Coreia

O Memorial de Guerra da Coreia está localizado em Seul, na Coreia do Sul, no distrito de Yongsan. O endereço exato é 29 Itaewon-ro, Yongsan-gu, Seul. Esse memorial é um dos principais locais dedicados à preservação da memória da Guerra da Coreia (1950-1953). Antes da construção do memorial, o local abrigava a sede do Ministério da Defesa da Coreia do Sul. A área em Yongsan, onde o memorial está localizado, tem uma longa história militar, especialmente devido à sua proximidade com a base militar dos Estados Unidos e a presença das forças armadas sul-coreanas. O Ministério da Defesa foi transferido para outro local, liberando o espaço para a construção do memorial. Foi inaugurado em junho de 1994, com o objetivo de homenagear os veteranos e educar as futuras gerações sobre a importância da paz e da história militar do país.

A materialidade do Memorial de Guerra da Coreia é um aspecto essencial para entender como a memória é concretizada e preservada. Henri Lefebvre¹ (1974), argumenta que o espaço é socialmente produzido, e que monumentos e memoriais são uma forma de criar significados simbólicos. No caso do Memorial de Guerra da Coreia, o próprio design e arquitetura do espaço são construídos para transmitir mensagens específicas sobre a guerra e suas consequências. A disposição das estátuas, a monumentalidade do espaço e os elementos visuais reforçam uma narrativa de sacrifício, luta e esperança pela paz.

Ao redor do memorial, há uma série de estátuas e esculturas que representam os soldados coreanos e aliados. Um dos monumentos mais impactantes é a Estátua da Fraternidade (figura 3), que mostra dois irmãos – um lutando pelo Norte e outro pelo Sul – se abraçando em um gesto de reconciliação. Essa imagem simboliza a dor da separação entre famílias e a esperança de reunificação pacífica.

A escultura de duas jovens segurando relógios sobre escombros de tanques e artilharia possui uma forte carga simbólica (figura 4). O primeiro relógio, parado às 4 da manhã de 25 de junho de 1950, marca o momento exato em que a guerra começou. Esse

¹ Lefebvre faz essa argumentação em sua obra *The Production of Space*.

relógio fixo no tempo representa o trauma congelado, uma ferida que ainda não cicatrizou e que marca a memória das gerações que vivenciaram diretamente o conflito. É o passado cristalizado, um marco que interrompe o fluxo normal da história e que, de certa forma, ainda exige resolução. Essa ideia de um tempo que permanece fixo e inescapável se alinha com o conceito de trauma histórico de Paul Ricoeur (2004), onde o tempo do trauma se repete e se torna impossível de esquecer ou superar facilmente.

O segundo relógio, que marca a hora atual, conecta o presente ao passado. Ele representa a continuidade da memória e a herança desse trauma, que agora está nas mãos de novas gerações que não vivenciaram diretamente a guerra, mas que convivem com suas consequências sociais, culturais e políticas. Esse relógio em movimento sugere que o tempo está em constante transformação, uma dinâmica que remete à ideia de que a memória não é estática, mas constantemente reconstruída pelas gerações subsequentes.

Koselleck (2006) trabalha com o conceito de que o tempo histórico não é uma linha contínua, mas sim uma sobreposição de temporalidades. No Memorial da Guerra da Coreia, os dois relógios se tornam um exemplo concreto desse entrelaçamento temporal. O relógio parado em 1950 pode ser lido como o "horizonte de expectativa" de Koselleck — o ponto onde as esperanças e medos do passado se concentraram no início da guerra. Por outro lado, o relógio atual remete ao "espaço de experiência", ou seja, o que foi vivido e transmitido pelas gerações, refletido no memorial, em sua arquitetura e em suas cerimônias.

Heymann (2005), ao citar Koselleck, sugere que os legados históricos carregam consigo uma dívida para o futuro. Nesse sentido, o memorial e os relógios mostram que a memória da guerra não é apenas uma homenagem aos mortos ou uma repetição do sofrimento, mas um lembrete do trabalho contínuo de reconciliação e cura, um compromisso para o futuro. Isso fica claro no simbolismo do terceiro relógio, que será erguido no dia da reunificação da Coreia, marcando o momento da transformação definitiva do trauma em paz. Aqui, o memorial transcende seu papel de espaço estático de luto e passa a ser um projeto inacabado, uma memória em processo, algo que aponta para o futuro e não apenas reflete o passado.

Figura 1 – Memorial da Guerra da Coreia



Fonte: KWO Korea War-memorial Organization.

Figura 2 – Estátuas de soldados localizada na entrada do memorial



Fonte: Adaptado pelo autor.

Figura 3 – Estátua da Fraternidade



Fonte: KWO Korea War-memorial Organization.

Figura 4 – A Torre do Relógio da Paz



Fonte: KWO Korea War-memorial Organization.

A estrutura do memorial reflete tanto o trauma quanto a esperança. Ele possui áreas específicas dedicadas aos heróis de guerra coreanos, monumentos em

homenagem às nações aliadas, além de exposições sobre a guerra. Os visitantes são apresentados a uma narrativa histórica que conecta o sacrifício militar à construção do Estado moderno sul-coreano reforçando a ideia de que o memorial é um símbolo não apenas de luto, mas também de resiliência.

O trauma da Guerra da Coreia é uma cicatriz profunda na sociedade sul-coreana, e sua presença ainda ressoa através de gerações. Esse trauma está enraizado em experiências individuais e coletivas, como a separação de famílias, as perdas humanas massivas e os efeitos psicológicos e sociais que transcenderam o fim do conflito. O Memorial da Guerra da Coreia, em Seul, desempenha um papel fundamental na reconciliação e no processo de cura emocional desse legado, oferecendo não apenas um espaço físico, mas um lugar simbólico onde a dor e o sacrifício podem ser reconhecidos e honrados.

Para muitas famílias coreanas, o memorial é um local onde podem honrar os entes queridos que pereceram ou desapareceram durante a guerra. Mesmo após o fim do conflito, muitas famílias nunca conseguiram recuperar os corpos de seus parentes, criando uma ferida aberta que persiste por décadas. Com suas listas de nomes, seus monumentos e suas exposições, oferece um espaço simbólico onde essas famílias podem realizar seus ritos de luto. O simples ato de visitar o memorial permite que essas pessoas criem uma conexão tangível com os desaparecidos, mesmo que a localização exata de seus entes queridos nunca tenha sido descoberta.

Transmissão Intergeracional de Memória e Pós-Memória

A persistência dos efeitos emocionais da guerra é um dos aspectos mais significativos no processo de memória, especialmente quando se considera o papel de monumentos e memoriais. No caso do Memorial da Guerra da Coreia, a transmissão desses efeitos para as gerações subsequentes se dá de forma complexa, envolvendo tanto aqueles que vivenciaram diretamente o conflito quanto os descendentes que herdaram essas memórias de maneira indireta. Ao abordar essa transmissão intergeracional, conceitos como pós-memória de Marianne Hirsch (2012) descreve a experiência das gerações que herdaram traumas históricos não através de memórias diretas, mas por meio de narrativas familiares, culturais e institucionais. Essas gerações desenvolvem uma relação intensa com o passado, como se tivessem vivido o evento traumático. No contexto da Guerra da Coreia, as gerações que cresceram após o conflito

carregam o peso de uma memória transmitida por pais, avós e pela sociedade coreana, que ainda está profundamente marcada pela guerra. A pós-memória não é uma simples recordação, mas um processo ativo de construção de identidade e memória coletiva, em que o trauma herdado é continuamente ressignificado.

O Memorial da Guerra da Coreia atua como um local privilegiado para a manifestação dessa pós-memória. Para os descendentes dos sobreviventes da guerra, o memorial oferece um espaço onde o passado pode ser acessado de maneira concreta e simbólica. Eles podem não ter testemunhado o conflito, mas sentem o impacto emocional através das narrativas familiares e das cerimônias públicas que ainda celebram o sacrifício e a dor. Hirsch sugere que a pós-memória cria uma continuidade emocional e histórica que atravessa gerações, fazendo com que o trauma da guerra se mantenha presente e atual.

A ideia de memória protética, desenvolvida por Alison Landsberg (2004), também se aplica aqui referindo-se às memórias "implantadas" ou internalizadas por meio de experiências mediadas culturalmente, como filmes, museus e monumentos, por pessoas que não vivenciaram diretamente o evento histórico. Nesse sentido, o Memorial da Guerra da Coreia funciona como um dispositivo que permite que as gerações mais jovens, assim como visitantes estrangeiros, "apropriem-se" da memória da guerra. Através das exposições, das cerimônias e da própria arquitetura do memorial, essas pessoas absorvem memórias que não são suas, mas que, de alguma forma, se tornam parte de sua própria experiência de memória coletiva.

Aqui, o conceito de ética do reuso, mencionado por Landsberg, assume um papel crucial. Ao visitar o Memorial e participar de seus rituais, as gerações mais jovens e os observadores estrangeiros estão engajados em um processo de reuso das memórias da guerra. Esse reuso não implica apenas reviver o passado, mas também assumir uma responsabilidade ética para com ele. As memórias da guerra são reaproveitadas para criar formas de engajamento com o trauma, promovendo a empatia e uma compreensão mais profunda das cicatrizes invisíveis deixadas pela guerra. Nesse contexto, a memória não é apenas um registro do passado, mas uma ferramenta ativa de reflexão e construção de uma narrativa compartilhada.

O Memorial da Guerra da Coreia oferece um espaço onde as cicatrizes invisíveis da guerra podem ser processadas e confrontadas. Para os sobreviventes e seus descendentes, o Memorial é um local onde o trauma da guerra pode ser validado e legitimado. Mesmo passados mais de 70 anos desde o fim do conflito, os efeitos

emocionais continuam presentes, seja através de traumas não resolvidos, seja através da transmissão intergeracional desse sofrimento. O Memorial atua, portanto, não apenas como um local de memória histórica, mas também como um espaço de cura psicológica.

Nesse sentido, o Memorial desempenha um papel crucial na construção da memória coletiva, lembrando à sociedade sul-coreana e aos visitantes internacionais que o trauma da guerra não é algo que simplesmente desaparece com o tempo. Ele exige atenção contínua, compreensão e cura. Judith Herman, em seu trabalho sobre trauma psicológico, descreve o processo de cura como um movimento que passa pelo reconhecimento do trauma, pela validação da dor e pela criação de espaços seguros onde essas cicatrizes podem ser enfrentadas sem medo de repressão. O Memorial cumpre esse papel ao proporcionar um espaço de reflexão e reconciliação.

Para a psicologia, a criação de memoriais de guerra é muitas vezes vista como uma ferramenta de "cura cultural" — um processo em que uma nação ou comunidade traumatizada pode começar a reconstruir sua identidade coletiva após uma catástrofe. Ao ter um espaço formal dedicado à memória da guerra, o Memorial permite que o sofrimento coletivo seja reconhecido oficialmente, aliviando a sensação de esquecimento ou negligência. Herman² (1992) propõe um modelo de recuperação do trauma em três fases, uma delas sendo o restabelecimento da segurança onde memoriais oferecem um espaço seguro e controlado onde o trauma pode ser processado publicamente sem medo de repressão ou negação.

Datas importantes, como o Dia do Armistício (27 de julho) e o Dia da Libertação Nacional (15 de agosto), são celebradas no Memorial da Guerra da Coreia com cerimônias públicas que envolvem tanto as famílias dos veteranos quanto membros do governo e da sociedade civil. Essas cerimônias desempenham um papel crucial no processo de reintegração social do trauma. Elas funcionam como rituais coletivos que reafirmam a solidariedade nacional e permitem que o luto privado se transforme em uma experiência compartilhada e coletiva. Através dessas cerimônias, as pessoas encontram um sentido de pertencimento e de que seu sofrimento faz parte de uma história maior, a da resistência e da sobrevivência de uma nação inteira. Esses eventos também servem para promover a ideia de que, mesmo em meio ao sofrimento, há esperança de cura e reconciliação. O ato de reunir os sobreviventes e suas famílias, juntamente com o público

² Judith Herman é uma das pessoas mais influentes no campo do trauma psicológico discorrendo sobre o assunto em sua obra *Trauma and Recovery*.

em geral, cria um sentimento de comunidade e solidariedade, crucial para o processo de superação de traumas históricos.

A criação e manutenção do Memorial de Guerra da Coreia envolve uma vasta rede de agentes, desde arquitetos e historiadores até veteranos e governos de países que participaram do conflito. O memorial, portanto, é resultado de processos de intercâmbio de conhecimento que extrapolam as fronteiras da Coreia. Esse tipo de troca epistêmica global reflete o que Latour³ (2005) descreve como o "ator-rede", em que a produção de conhecimento é distribuída por diversos agentes humanos e não humanos. No contexto do memorial, esses agentes incluem não apenas os especialistas que projetaram o espaço físico, mas também as narrativas históricas incorporadas em seus artefatos, como tanques e aviões de combate, que servem como símbolos materiais de um conflito globalizado.

Gi-Wook Shin e Hilary Jan Izatt no artigo, *"Reclaiming the Nation: The Korean War, South Korean Nationalism, and Public Opinion"* (2016) examinam como narrativas oficializadas se refletiram na opinião pública, especialmente nas gerações que viveram a guerra ou nasceram logo após o conflito. Para essas gerações mais velhas, o memorial da guerra e as narrativas nacionalistas associadas eram uma lembrança de sacrifício, heroísmo e da necessidade de defender a nação.

Contudo, à medida que a Coreia do Sul se democratizou nos anos 1980 e 1990, com a ascensão de um sistema democrático e a abertura política, as gerações mais jovens, nascidas após a guerra, começaram a questionar essas narrativas. A Guerra da Coreia, antes um símbolo de unidade e sacrifício, passou a ser vista por muitos jovens como um instrumento utilizado pelos governos autoritários para legitimar o controle militar e reprimir liberdades civis. Essas novas gerações se mostravam mais críticas das narrativas simplificadas que glorificavam a guerra e a militarização, refletindo tendências globais em que as gerações mais jovens tendem a adotar visões mais pacifistas e cosmopolitas sobre o conflito e a memória de guerra.

Discutindo como as narrativas dominantes sobre a Guerra da Coreia começaram a ser desafiadas nas décadas recentes. Jovens sul-coreanos, especialmente após o movimento pró-democracia, reavaliaram o papel da guerra e do governo autoritário na história de seu país. Em vez de ver a guerra como um evento unicamente glorioso e

³ Na coletânea *Actor Network Theory and After*, Latour e outros autores discutem a crítica à sociologia tradicional, que tende a focar apenas em humanos como agentes, ignorando a importância dos não humanos nas dinâmicas sociais.

necessário, eles passaram a enxergar seus impactos sociais e econômicos, além de questionar o uso da memória da guerra como uma ferramenta política. A memória da guerra tornou-se, portanto, um campo de disputa entre diferentes grupos geracionais e ideológicos, o que reflete uma transição da percepção pública sobre o nacionalismo e o papel do militarismo na Coreia do Sul moderna.

A Guerra da Coreia tem sido cada vez mais interpretada não apenas como uma luta heroica pela sobrevivência nacional, mas também como uma tragédia marcada por profundo sofrimento humano e pela divisão da península. Entre as novas gerações, cresce a tendência de valorizar os custos humanos do conflito, levantando questionamentos sobre a adequação da narrativa nacionalista que a apresenta como uma causa “nobre”, especialmente diante dos atuais movimentos voltados à paz e a reunificação com a Coreia do Norte.

Jager⁴ (2013) enfatiza que essas diferenças geracionais têm implicações significativas para como a Guerra da Coreia é lembrada e ensinada. A abordagem crítica da geração mais jovem pode levar a uma reavaliação de narrativas históricas e promover esforços em direção à reconciliação. Ela destaca a importância de compreender essas mudanças geracionais de perspectivas, pois elas refletem mudanças sociais mais amplas e o cenário em evolução da identidade e memória coreanas.

Memória e Diplomacia

A história contemporânea da Coreia é profundamente marcada por dois eventos centrais: o período de colonização japonesa (1910-1945) e a Guerra da Coreia (1950-1953). A ocupação japonesa começou formalmente em 1910, após décadas de crescente interferência do Japão na península coreana, especialmente após a sua vitória sobre a Rússia na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). Durante os 35 anos de domínio colonial, a Coreia foi submetida a uma política sistemática de repressão, exploração e assimilação cultural. O governo imperial japonês, a adoção de nomes japoneses e a proibição do ensino da história e cultura coreanas nas escolas. Além disso, a população foi submetida a rígido controle policial, censura e perseguição política, enquanto os recursos naturais do país e a força de trabalho coreana eram explorados em benefício da industrialização japonesa.

⁴ Sheila Miyoshi Jager discorre sobre o assunto em sua obra *Brothers at War: The Unending Conflict in Korea*.

Na década de 1930, com a intensificação da militarização do Japão, as políticas de assimilação se tornaram ainda mais severas. O culto ao imperador e a participação compulsória em rituais xintoístas passaram a ser exigidos dos coreanos, ao mesmo tempo milhares de jovens foram alistados à força no exército japonês ou enviados como trabalhadores escravizados para fábricas e minas. As chamadas “mulheres de conforto” — jovens coreanas forçadas a se prostituírem em bordéis militares japoneses — simbolizam uma das mais graves violações de direitos humanos desse período. Apesar da repressão, movimentos de resistência se organizaram dentro e fora da península, sendo o mais significativo o Movimento 1º de Março de 1919, quando milhões de coreanos protestaram pacificamente pela independência, sendo brutalmente reprimidos. Esse evento foi um marco na consolidação do nacionalismo coreano moderno.

O fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 resultou na rendição do Japão e, consequentemente, no fim da colonização da Coreia. No entanto, a libertação não levou imediatamente à reunificação nacional. Em meio às tensões da Guerra Fria, a península foi dividida ao longo do paralelo 38: ao norte, estabeleceu-se um governo comunista apoiado pela União Soviética, liderado por Kim Il-sung; ao sul, formou-se um regime capitalista com apoio dos Estados Unidos, liderado por Syngman Rhee. Em 1948, foram fundadas oficialmente duas repúblicas separadas: a República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte) e a República da Coreia (Coreia do Sul), acirrando as disputas políticas e ideológicas entre os dois lados.

Essas tensões culminaram na Guerra da Coreia, iniciada em 25 de junho de 1950, quando a Coreia do Norte invadiu o Sul com o objetivo de unificar a península sob o regime comunista. O conflito rapidamente se internacionalizou com os Estados Unidos, sob a bandeira das Nações Unidas (ONU), intervieram em apoio ao Sul, enquanto a China comunista entrou em defesa do Norte. Durante três anos de guerra, a península coreana foi palco de intensos combates, bombardeios massivos e destruição em larga escala, resultando na morte de cerca de três milhões de pessoas, entre civis e soldados. A guerra também provocou deslocamentos forçados, separações familiares e um profundo trauma coletivo que ecoa até os dias de hoje.

O conflito terminou em 27 de julho de 1953 com a assinatura de um armistício — e não de um tratado de paz — o que significa que, tecnicamente, as duas Coreias ainda estão em guerra. Foi estabelecida uma Zona Desmilitarizada (DMZ) ao longo do paralelo 38, que permanece até hoje como uma das fronteiras mais militarizadas do mundo. A guerra consolidou a divisão política, econômica e ideológica da península e teve efeitos



duradouros na constituição das identidades nacionais, nas políticas de memória e nos discursos históricos em ambos os países.

Tanto a colonização japonesa quanto a Guerra da Coreia continuam a exercer influência profunda sobre a sociedade coreana contemporânea. Na Coreia do Sul, museus e memoriais como o Memorial da Guerra da Coreia e o Museu da Independência da Coreia desempenham papel central na construção da memória nacional, promovendo uma narrativa de resistência ao colonialismo e defesa da liberdade frente ao comunismo. Ao mesmo tempo, as feridas abertas pelo domínio japonês ainda provocam tensões diplomáticas entre Coreia do Sul e Japão, especialmente em torno de questões como o reconhecimento dos crimes de guerra, as indenizações às vítimas e o tratamento do passado nos livros didáticos. Esses episódios históricos não apenas moldaram as estruturas políticas da península, como também deixaram marcas indeléveis na memória coletiva, nas práticas culturais e nas formas pelas quais os coreanos — do Norte e do Sul — compreendem a si mesmos no mundo contemporâneo.

A colaboração de outros países da ONU na Guerra da Coreia é destacada no memorial, refletindo a interconexão global dos processos de produção de conhecimento histórico. Mais de 20 países enviaram tropas ou apoio logístico à Coreia do Sul durante o conflito. Entre os países mais destacados estão o Reino Unido, Canadá, Turquia, Austrália, França e outros. Cada um desses países é homenageado no memorial, com placas e monumentos que reconhecem o sacrifício de seus soldados.

A política de contenção dos EUA visava impedir a propagação do comunismo, e a Coreia do Sul era vista como um bastião contra essa expansão. A guerra consolidou o compromisso militar dos EUA na Ásia e com isso a presença de tropas americanas na Coreia do Sul se tornou uma parte permanente da estratégia de segurança dos EUA na região. Deixando uma marca nas relações internacionais. Os Estados Unidos mantêm uma presença militar significativa na Coreia do Sul até hoje. A guerra influenciou a política externa, reforçando o anticomunismo e a retórica da "intervenção para a liberdade".

Segundo Heonik Kwon⁵, em *The Other Cold War* (2016), a Guerra da Coreia foi um dos conflitos centrais da Guerra Fria (1947-1991), que ajudou a solidificar as alianças internacionais. O memorial, ao reconhecer a participação de outros países, contribui para a consolidação de uma memória compartilhada entre esses aliados, reforçando a

⁵ Antropólogo sul-coreano, conhecido por seu trabalho sobre a memória, identidade e cultura na Coreia, especialmente em relação à Guerra da Coreia e suas consequências. Ele é autor de várias obras que exploram a interseção entre política, memória e a experiência histórica, incluindo o impacto da guerra na sociedade coreana.

narrativa de uma luta comum contra a expansão comunista. Assim, o memorial funciona como uma ferramenta de diplomacia memorial, fortalecendo os laços entre a Coreia do Sul e seus antigos aliados. Além disso, o memorial é visitado frequentemente por líderes mundiais, veteranos estrangeiros e turistas internacionais. Esses eventos diplomáticos, como as cerimônias anuais em homenagem aos soldados estrangeiros, servem para reforçar as alianças históricas entre a Coreia do Sul e os países envolvidos no conflito. O memorial, assim, não é apenas um espaço de memória nacional, mas também um local de cooperação internacional, onde a memória do sacrifício compartilhado é um ponto central para o fortalecimento das relações diplomáticas contemporâneas.

Figura 5 – Salão expositivo em homenagem as nações aliadas



Fonte: KWO Korea War-memorial Organization.

Nos Estados Unidos, a Guerra da Coreia é frequentemente chamada de "a guerra esquecida", uma expressão que reflete a falta de reconhecimento e atenção que os veteranos dessa guerra receberam em comparação a outros conflitos, como a Segunda Guerra Mundial ou a Guerra do Vietnã. O *Veterans Affairs* (VA) dos EUA promove o reconhecimento dos veteranos da Guerra da Coreia através de programas e eventos, mas o conflito muitas vezes não é abordado nas escolas e universidades de forma abrangente.

O Memorial da Guerra da Coreia em Washington, Detroit City D.C., inaugurado em 1995, honra os 1,8 milhão de soldados que serviram e os 36 mil que morreram. A narrativa predominante nesse memorial enfatiza a luta contra o comunismo e a importância da aliança com a Coreia do Sul. Heonik Kwon, discute a maneira como a Guerra da Coreia e a memória da guerra são parte de um processo contínuo de "guerra fria cultural" que influencia as políticas atuais. Ele argumenta que a memória da guerra é

usada tanto na Coreia do Sul quanto nos Estados Unidos para justificar certas posturas de política externa, como o contínuo apoio militar dos EUA à Coreia do Sul.

Em países que enviaram tropas, a Guerra da Coreia é lembrada em contextos de reconhecimento militar. No Reino Unido, por exemplo, eventos comemorativos são realizados, e o papel das forças britânicas é frequentemente destacado em cerimônias e monumentos. O Memorial da Guerra da Coreia, em Londres (1991), serve como um ponto de encontro para veteranos e suas famílias, promovendo um senso de comunidade e reconhecimento.

Na Coreia do Norte, a memória do conflito é utilizada como uma ferramenta de propaganda, enfatizando a resistência do povo norte-coreano contra a agressão imperialista. O governo glorifica Kim Il-sung, que foi o líder da Coreia do Norte desde a sua fundação em 1948 até sua morte em 1994, como o herói que defendeu a soberania do país. O Museu da Guerra da Resistência Nacional, em Pyongyang, apresenta uma narrativa que destaca a vitória sobre as forças imperialistas, reforçando a ideologia do regime. Como discutido por Bruce Cumings⁶ em *The Korean War: A History* (1990), a narrativa norte-coreana se concentra na luta pela independência e no papel da liderança de Kim Il-sung.

O tratamento da guerra e de seu memorial em outros países é multifacetado, refletindo diferentes experiências históricas e visões políticas. As narrativas sobre o conflito variam, influenciando não apenas a percepção pública, mas também as relações diplomáticas contemporâneas. A forma como a memória é moldada e negociada revela a complexidade da história e seu impacto duradouro nas sociedades de hoje.

Neoliberalismo e Comercialização da Memória

Outra dimensão importante a ser considerada é a influência do neoliberalismo no modo como a memória da guerra é preservada e comercializada. Como muitos outros locais históricos e museus, o Memorial da Guerra da Coreia não apenas atua como um espaço de luto e reflexão, mas também como uma atração turística. O neoliberalismo, ao promover a lógica de mercado e a privatização, contribuiu para a mercantilização dos espaços de memória.

⁶ Historiador americano especializado em história moderna da Coreia, com destaque para o conflito coreano e as relações internacionais no Leste Asiático.

A teoria de Lefebvre⁷ (1974) sobre a "mercantilização do espaço" também pode ser aplicada especialmente em relação à influência do neoliberalismo. Lefebvre argumenta que no contexto do capitalismo, os espaços se tornam produtos consumíveis, com valor de troca. Nesse sentido, o memorial é parte de uma lógica capitalista que transforma o passado em um recurso econômico, contribuindo para o turismo histórico e a comercialização da memória.

John Urry (1990), em sua obra *"The Tourist Gaze"*, argumenta que o turismo envolve não apenas o ato de viajar, mas também um processo de construção social do olhar. Esse olhar é moldado por expectativas, representações e significados que são atribuídos aos lugares que os turistas visitam. No caso do Memorial da Guerra da Coreia, o turismo de memória envolve uma mediação entre o luto e o consumo, onde o memorial é não apenas um espaço de reflexão histórica, mas também um produto que atende às demandas do olhar turístico global.

Para Urry, o ato de olhar implica uma certa forma de consumo visual, onde os visitantes buscam uma experiência que esteja de acordo com suas expectativas pré-concebidas sobre o local. O Memorial da Guerra da Coreia, com suas exposições imponentes, estátuas monumentais e espaços cuidadosamente organizados, é, de certa forma, projetado para atrair esse olhar. Os turistas não vêm apenas para aprender sobre a guerra ou honrar os mortos, mas também para participar de uma experiência que envolve o consumo de memória e história de uma maneira acessível e, muitas vezes, simplificada.

Esse processo de simplificação, ou "pacote de memória", como Urry sugere, é parte de como os locais de memória são comercializados. Os turistas procuram uma narrativa coerente e facilmente consumível, que, muitas vezes, omite as complexidades ou controvérsias do evento histórico. No caso do Memorial da Guerra da Coreia, essa narrativa simplificada pode estar mais focada no heroísmo e no sacrifício dos soldados do que nas nuances políticas e sociais que cercaram o conflito. Isso reflete o que Urry chama de "mercantilização do olhar", onde o espaço é projetado para ser consumido de maneira agradável e não disruptiva.

O conceito de Urry também se relaciona à análise do neoliberalismo no contexto do Memorial da Guerra da Coreia, já mencionada no seu artigo. O neoliberalismo, com sua ênfase na lógica de mercado, transforma locais de memória, como o memorial, em

⁷ Henri Lefebvre em sua obra *The Production of Space*.

atrações turísticas altamente comercializadas. Isso gera um espaço em que a memória histórica é monetizada através do turismo, que se torna uma fonte significativa de receita para o país e para a cidade de Seul.

As lojas de souvenirs, visitas guiadas e eventos comemorativos são parte de uma tendência global de transformar a memória histórica em capital cultural, promovendo tanto o turismo quanto a disseminação de uma narrativa oficial da guerra. Essa comercialização, no entanto, também pode levar a uma cristalização das narrativas apresentadas, adaptando o conteúdo para agradar ao público internacional. Isso pode limitar a profundidade da reflexão histórica, priorizando uma visão simplificada e homogênea da guerra e das alianças que contribuíram para a vitória sul-coreana.

Em "*Souvenirs de Guerre*" (1937) de Alain (Émile Chartier) o termo "*souvenirs*" aparece associado às memórias e experiências específicas da Primeira Guerra Mundial que marcaram profundamente o autor. O termo é usado para refletir não apenas sobre os eventos ocorridos, mas também para criar uma crítica filosófica e política do conflito. Alain descreve seus *souvenirs* da guerra como fragmentos de memórias, muitas vezes associadas a experiências específicas e impactantes que ele viveu no front. Ele narra episódios como marchas longas, bombardeios, vida em trincheiras e momentos de tensão extrema, mas sempre com uma visão crítica e reflexiva. Ele não se limita a descrever esses eventos de maneira cronológica ou objetiva, mas os apresenta como um material bruto que dá origem a reflexões mais amplas sobre o significado da guerra e suas consequências.

Para Alain, os *souvenirs* não são apenas lembranças pessoais, mas também uma oportunidade para filosofar sobre a guerra e a condição humana. Cada memória é um ponto de partida para uma análise crítica de questões como o poder, a autoridade, o medo e o comportamento humano sob circunstâncias extremas. Por exemplo, ao recordar seus primeiros encontros com a guerra, Alain reflete sobre a ignorância e a desinformação dos soldados que, como ele, eram novatos e desconheciam a verdadeira natureza do conflito. Ele usa essas memórias para questionar a falta de preparação e a distância entre os líderes militares e a realidade vivida pelos soldados comuns.

Uma das motivações de Alain para escrever "*Souvenirs de Guerre*" é evitar o esquecimento das lições que a guerra trouxe. Ele usa suas memórias como uma forma de resistência ao esquecimento e à normalização da guerra. Para ele, é crucial que as gerações futuras se lembrem dos horrores da guerra, não para glorificá-la, mas para aprender com ela e evitar que se repita. Alain vê as memórias como um antídoto contra a

propaganda e as narrativas heroicas que muitas vezes surgem após os conflitos. Ele quer que seus *souvenirs* sirvam como um alerta para as gerações futuras sobre a futilidade da guerra e os perigos da obediência cega às autoridades.

Relação entre Memória, Poder e Política

A política de memória da Coreia do Sul em relação à Guerra da Coreia é complexa e passou por várias fases desde o final do conflito. Durante a ditadura militar de Park Chung-hee (1961-1979) e Chun Doo-hwan (1980-1987), a narrativa oficial era dominada por um discurso fortemente anticomunista, que glorificava o papel das forças armadas sul-coreanas e seus aliados ocidentais, especialmente os Estados Unidos. O Memorial da Guerra da Coreia, embora tenha sido inaugurado após a democratização (1987), ainda carrega muito dessa narrativa anticomunista, como observa Seung Sook Moon⁸ em *Militarized Modernity and Gendered Citizenship in South Korea* (2005). Essa memória enfatiza o heroísmo militar e a aliança com os EUA como elementos centrais da identidade nacional sul-coreana.

Contudo, a política de memória na Coreia do Sul tem se tornado cada vez mais plural. Atualmente, observa-se um reconhecimento mais amplo dos traumas vivenciados pela população civil durante a guerra, com a emergência de movimentos sociais que exigem uma revisão crítica dos acontecimentos históricos. Esses grupos demandam o reconhecimento de massacres cometidos tanto por forças comunistas quanto pelas tropas sul-coreanas e norte-coreanas. Dong-Choon Kim⁹, em *The Unending Korean War* (2000), sustenta que o conflito coreano ultrapassou os limites de um simples embate militar, representando uma ruptura social profunda cujas feridas permanecem abertas na sociedade sul-coreana.

O Memorial da Guerra da Coreia desempenha um papel crucial na epistemologia da memória, ajudando a moldar o que é lembrado e o que é esquecido sobre a guerra. Ele atua como um mecanismo de produção, circulação e difusão do conhecimento histórico, tanto local quanto globalmente. De acordo com Michel Foucault (1969), o conhecimento não é neutro, mas está sempre ligado ao poder. Da mesma maneira, a

⁸ Ela é uma socióloga, na qual suas pesquisas possuem foco em temas relacionados à política, identidade e memória na Coreia. Conhecida por suas pesquisas sobre a divisão da Coreia, o impacto da Guerra da Coreia e as experiências de migração e exílio.

⁹ É um acadêmico e especialista em estudos coreanos, focando em temas como política, história e identidade na Península Coreana. Ele tem contribuído para o entendimento das dinâmicas sociopolíticas da Coreia do Sul e do Norte, especialmente no contexto da Guerra da Coreia e suas consequências.

forma como a Guerra da Coreia é lembrada no memorial é influenciada por relações de poder — tanto nacionais quanto internacionais.

Exposições e narrativas que enfatizam o papel dos aliados ocidentais, por exemplo, ajudam a reforçar a importância da aliança militar da Coreia do Sul com os Estados Unidos. Por outro lado, aspectos mais controversos da guerra, como os abusos contra civis e a repressão interna, são frequentemente marginalizados ou silenciados. Este controle epistêmico sobre o que é lembrado ou esquecido revela as dinâmicas de poder por trás da construção da memória.

Considerações Finais

O Memorial da Guerra da Coreia é mais do que um monumento silencioso diante da história, é um espaço onde a memória se atualiza, se contesta e se reconstrói. Ele condensa múltiplas funções — pedagógica, diplomática, emocional e comercial — e revela como o passado pode ser instrumentalizado por forças políticas e mercadológicas, sem perder, no entanto, seu potencial de convocar o luto, a reflexão e a esperança.

Sua arquitetura e curadoria permitem a convivência entre memórias nacionais e globais, configurando um espaço de memória multidirecional, onde o trauma não pertence apenas a uma geração, mas é continuamente ressignificado por meio da pós-memória e da memória protética. Os relógios, um parado no início da guerra e outro em movimento materializam a tensão entre o tempo interrompido pelo trauma e o tempo da vida que insiste em seguir. Entre a ferida aberta e a cicatriz em formação, o memorial abriga memórias que buscam sentido, reconhecimento e, talvez, cura.

No entanto, ao inserir-se em uma lógica neoliberal, o memorial também se torna produto, é consumido por olhares turísticos, adaptado ao mercado e mercantilizado como espaço simbólico. Ainda sim, mesmo sob essa lógica, permanece a inquietação fundamental: o que lembramos, como lembramos e a serviço de quem?

Nesse entrelaçamento entre história, afeto e poder, o memorial revela-se como um campo de forças contraditórias. Ele acolhe o luto, mas o transforma em imagem; promove a reconciliação, mas carrega a retórica da guerra; preserva a memória, mas a molda segundo interesses geopolíticos e econômicos. E é precisamente nessa ambiguidade que reside a sua potência, ao mesmo tempo espaço de propaganda e de reconexão afetiva. Ele produz a ética do olhar e da escuta, convocando-nos a pensar a memória não como arquivo morto, mas como construção viva.

Assim, o Memorial da Guerra da Coreia transcende o papel de registro do passado e emerge como um palco onde as narrativas do trauma, da resistência e da esperança continuam em disputa. Ele exemplifica como a memória pode ser, simultaneamente, ferida e linguagem, ruína e ponte, silêncio e possibilidade. Como na tradição coreana do 한 (han) — sentimento profundo de dor e resiliência —, o memorial carrega em si tanto o peso da história quanto o impulso por transcende-la.

No centro dessa ambiguidade, talvez reste apenas a imagem do ideograma 평화 (pyeonghwa), que significa “paz”. Mais do que a ausência de guerra, ele aponta para uma presença possível — aquela que, entre as estátuas, os nomes gravados e os olhos que lembram, ainda se espera construir.

Referências

- Assmann, A. (2016). *Espaços da recordação*. Editora Unicamp.
- Chartier, É. (1937). *Souvenirs de guerre*.
- Cumings, B. (1990). *The Korean War: A history*. Modern Library.
- Foucault, M. (1969). *A Arqueologia do Saber*. Éditions Gallimard.
- Herman, J. (1992). *Trauma and recovery: The aftermath of violence – From domestic abuse to political terror*. Basic Books.
- Heymann, L. Q. (2005). De “arquivo pessoal” a “patrimônio nacional”: Reflexões acerca da produção de “legados”. Fundação Getúlio Vargas.
<https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/800a9a2f-ae4d-44db-b664-c98458b498e1/content>
- Hirsch, M. (2012). *The generation of postmemory: Writing and visual culture after the Holocaust*. Columbia University Press.
- Jager, S. M. (2013). *Brothers at War: The Unending Conflict in Korea*. W. W. Norton & Company.
- Koselleck, R. (2006). *Futuro passado: Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Contraponto.
- Kwon, H. (2016). *The other Cold War*. Columbia University Press.
- Landsberg, A. (2004). *Prosthetic memory: The transformation of American remembrance in the age of mass culture*. Columbia University Press.
- Latour, B. (2005). *Actor-network theory and after*. Blackwell Publishing.



- Lefebvre, H. (1974). *The production of space*. Blackwell Publishing.
- Moon, S. (2005). *Militarized Modernity and Gendered Citizenship in South Korea*. Duke; Jstor; DeG.
- Nora, P. (1984). *Les Lieux de Mémoire. La République.1; La Nation.2; Les France.3*. Paris: Éd. Gallimard.
- Rothberg, M. (2009). *Multidirectional memory: Remembering the Holocaust in the age of decolonization*. Stanford University Press.
- Rousso, H. (1991). *The Vichy syndrome: History and memory in France since 1944*. Harvard University Press.
- Shin, G. W., & Jan, I. H. (2016). *Reclaiming the nation: The Korean War, South Korean nationalism, and public opinion*. Pacific Affairs, University of British Columbia.
- Urry, J. (1990). *The tourist gaze*. SAGE Publications.

NOTAS

AUTORIA

Cecilia Bruno de Carvalho: Graduação. Graduanda em Museologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Coordenadoria Especial de Museologia, Florianópolis, SC, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Albertina de Moraes, 106, apto 04, CEP: 88130-812, Palhoça, SC, Brasil.

ORIGEM DO ARTIGO

Não se aplica

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Profa. Dra. Letícia Borges Nedel do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina pelo auxílio na escrita deste artigo.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção do estudo, coleta de dados, análise dos dados, discussão de resultados, revisão e aprovação: Cecilia Bruno de Carvalho

Concepção e elaboração do manuscrito: C. B. Carvalho

Coleta de dados: C. B. Carvalho

Análise de dados: C. B. Carvalho

Discussão dos resultados: C. B. Carvalho

Revisão e aprovação: C. B. Carvalho

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não teve uso de imagem.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.



DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Cecília Bruno de Carvalho. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Alexandre Buski Valim, Flávia Florentino Varella, Daniela Capri

HISTÓRICO

Recebido em: 31 de outubro de 2025

Aprovado em: 23 de junho de 2025

Como citar: CARVALHO, Cecília Bruno de. Entre o trauma e a diplomacia: o memorial da guerra da Coreia e a construção da memória global. **Esboços**: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 32, p. 1–23, 2025.

